



VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

Director e Proprietário
Dr. Manuel Marques dos Santos

Empresa Editora
«União Gráfica» R. Santa Maria, 138-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Administrador
P. Antonio dos Reis

Redacção e Administração
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

Crónica de Fátima (13 DE NOVEMBRO)

O tempo e a affluência de peregrinos

Os dias que precederam imediatamente o dia 13 de Novembro foram dias de frio intenso, de nevoeiros e chuvas intermitentes. Apesar disso, o concurso de peregrinos foi bastante elevado, podendo comparar-se ao do dia 13 de qualquer dos outros meses de Inverno.

Com o penúltimo mês do ano civil principia o ciclo menos movimentado das peregrinações anuais, aquêle em que a alma se concentra e recolhe mais facilmente, em união íntima com Deus, no local bendito das aparições tão propício à oração, e à meditação das cousas do Céu.

E esta a quadra que muitos fiéis preferem para fazer a sua peregrinação ao venerando Santuário de Nossa Senhora de Fátima, longe do *brouhaha* das grandes multidões que acorrem a esse Santuário nos meses do Verão, afim de tomarem parte nas manifestações de fé e piedade de que é teatro e que então revestem extraordinário esplendor e imponência.

A procissão das velas

Foi sobremodo encantadora pela piedade e extrema singeleza que caracterizaram a linda procissão das velas que se efectuou, na véspera à noite, no recinto sagrado. Imprimiu-lhe particular realce a presença de dezenas de crianças da «Cruzada Eucarística» da freguesia de São Vicente de Fora, da cidade de Lisboa, que o seu zeloso e dedicado pároco, Mons. Francisco Esteves de Jesus, conduziu aos domínios da Lourdes Portuguesa na caminheta que há pouco adquiriu para o serviço das Obras paroquiais e a que deu o belo e sugestivo nome de «Mensageira de Fátima». O minúsculo mas gracioso e edificante cortejo desfilou com a maior compostura e gravidade pelas avenidas da Cova da Iria, rezando e cantando, depois da recitação do terço do Rosário em frente da sancta capela das aparições.

A missa official

Ao meio-dia em ponto, o rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão-director das associações de Servos e Servas de Nossa Senhora do Rosário, iniciou, na forma do costume, a reza em comum do terço.

Seguiu-se a procissão da augusta Imagem de Nossa Senhora de Fátima que foi transportada aos ombros dos Servos para junto do altar do Pavilhão dos doentes. Estes não excediam o número de quatro a cinco dezenas e ostentavam ao peito a senha de ingresso no recinto que lhes era reservado.

Antes, o dr. José Maria Pereira Gens, distinto facultativo municipal da Batalha e desvelado director do Posto das verificações médicas, tinha-os examinado um por um e mandado proceder ao registado dos seus nomes no livro respectivo.

Ao meio-dia e meia hora, sobre o altar o Rev. Cônego dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, sacerdote incumbido de celebrar a missa official que é acompanhada a harmonium e cánticos. Depois do evangelho, no púlpito, o rev. dr. José Fernandes de Almeida, pároco de Aljubarrota, fala, durante cerca de vinte minutos, sobre os privilégios de Nossa Senhora, a confiança que devemos ter no seu poderoso valimento e a necessidade de imitar as virtudes de que nos deu tão admiráveis exemplos durante a sua vida mortal.

A bênção dos doentes

Após o santo sacrificio da missa, é exposto na custódia, colocado sobre o altar e incensado o Santíssimo Sacramento.

O rev. dr. Marques dos Santos faz as piedosas e comovidas invocações habituais que são repetidas em coro pela multidão espalhada no vasto terreiro adjacente.

Cada um dos enfermos, de mãos postas e olhos fitos na Hóstia Santa, recebe a bênção de Jesus que passa junto deles, occulto no Sacramento do seu amor, confortando e consolando as pobres vítuas de tão grandes misérias físicas e de tantos sofrimentos morais. Entre elles vê-se uma piedosa senhora, já de avançada idade, atacada de hemofilia. É a veneranda mãe do rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria e director diocesano da Acção Católica que, satisfazendo um ardente anelo da sua piedade filial, quis levá-la àquella terra de graça e de milagre para a colocar de modo especial sob a protecção misericordiosa da Virgem Santíssima.

Cantando o *Tantum ergo*, o oficiante dá a bênção geral com a Sagrada Custódia a todo o povo, terminando assim a empolgante cerimónia da bênção dos doentes que comovê sempre profundamente todos os circunstantes, arrancando de muitos olhos lágrimas a fio.

Orações por alma duma Servita

O rev. dr. Marques dos Santos, antes de iniciar as invocações, pediu aos fiéis que rezassem um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria* por alma de D. Maria Filomena Moraes de Miranda, natural e moradora em Santo Tirso, falecida na véspera na sua terra natal e cujo enterro se devia realizar no dia seguinte. Esta virtuosíssima senhora, dotada de piedade invulgar e muito devota de Nossa Senhora de Fátima, foi uma das primeiras que teve a honra de ser admitida na Associação das Servitas.

Que a sua bela alma, ornada de tantas e tão peregrinas virtudes, descanse na paz do Senhor, entre os esplendores da luz perpetua!

O «Adeus à Virgem de Fátima»

São cerca de três horas da tarde. Já se realizou a segunda procissão destinada a reconduzir ao seu altar a bela Imagem de Nossa Senhora de Fátima, exposta à veneração dos fiéis no Pavilhão durante a missa official e a bênção dos doentes. Em volta do padirão comemorativo das aparições aglomeram-se os peregrinos na sua quasi totalidade para saírem pela última vez a augusta Rainha dos Anjos na terna e encantadora cerimónia do «Adeus». O sacerdote que preside dirige, do alto do púlpito, em nome da multidão, as derradeiras súplicas à Virgem do Rosário. Termina o piedoso e comovente acto com a consagração de todas as pessoas presentes à Santíssima Virgem. Os devotosromeiros vão-se dispersando pouco a pouco. A breve trecho, por toda a parte, no vasto anfiteatro da Cova de Iria, reinam apenas o silêncio e a solidão, enquanto as primeiras sombras da noite descem lentamente sobre aquela estância abençoada que a Mãe de Deus se dignou consagrar com a sua presença, com as suas graças e com os seus milagres, fazendo dela o trono admirável das suas glórias e das suas misericórdias, neste cantinho privilegiado do extremo occidente da Europa que se ufana de ter o belo nome de «Terra de Santa Maria».

Visconde de Montelo

Deus mora nas almas puras

Os maometanos cativaram um menino cristão e ameaçavam-no com a morte, se não apostatava da sua Religião. — Nunca, já, mais, respondeu elle. Eu não renegarei do meu Deus.

— Onde está o teu Deus? perguntaram os soldados. — No céu e no meu coração, respondeu o jovem cristão. — Aqueles bárbaros ouvindo isto, mataram-no e abriram-lhe o coração. Diz a lenda, que viram sair, deste coração, um anjo, uma pomba branca.

Lenda graciosa e symbolo duma grande realidade: Deus tem a sua morada nas almas puras.

À conquista de almas

POR GALAMBA DE OLIVEIRA

Santarém era já, naquele tempo, uma cidade de estudantes. Quatrocentos e tantos frequentavam o Liceu e espalhavam por toda a terra a ruidosa alegria da sua mocidade, por vezes imprudente, mas sempre garrula e expansiva.

O Largo do Seminário é as ruas que, entre apertadas filas de casas, conduzem ás Portas do Sol, com paragem nas imediações do Colégio Andaluz, eram o campo habitual das suas preocupações.

Havia um ou outro que, descedo ás margens do Tejo, ia até ás Orlas, ou se embrenhava nos salgueirais a ler ou poetar. Grupos numerosos realizavam certas bem regadas e entregavam-se a lamentáveis excessos. Mas a grande maioria ficava ali.

Um dia foi com um e diz-lhe a médo: — Olhe cá, como é que você pode ser tão alegre e brincalhão e, ao mesmo tempo bom estudante e católico practico? — Mas que tem uma coisa com a outra? Então tu cuidas que a gente para ser católico practico, precisa de andar mactambuzado? — Não, tristezas não pagam dividas.

— Mas como é isso? — É, pá, quando é para estudar, parecera nitidamente que- rer viver afastado.

— Mas a acção franca, sincera e ardente desse grupo de rapazes decidida, abertamente católica impressionou-o.

— Haviám já pensado nele, queriam-no ajeitar; na primeira occasião... — Um dia foi com um e diz-lhe a médo: — Olhe cá, como é que você pode ser tão alegre e brincalhão e, ao mesmo tempo bom estudante e católico practico? — Mas que tem uma coisa com a outra? Então tu cuidas que a gente para ser católico practico, precisa de andar mactambuzado? — Não, tristezas não pagam dividas.

E, pouco a pouco, com uma acção prudente, mas perseverante, trouxe-os à pratica da religião de que, muitos anos antes, se haviam afastado.

O pai confessara-se pela ultima vez havia vinte anos!... E hoje é uma familia cristã. O João Maria entrou na J. U. C. onde tem trabalhado com dedicação e tenacidade.

Numa palavra: é um dos melhores elementos do seu meio, um dos rapazes mais queridos, entre os estudantes, e uma das firmes esperanças, das consoladoras realidades, com quem a Santa Igreja em Portugal pode contar.

Desculpem! Isto não é um conto. É a historia apagada, descolorida duma vida linda — a do



Fátima — Grupo dos rapazes da Acção Católica da Diocese de Leiria no encerramento do retiro em 13 de Agosto

No interior, no Largo em frente e suas imediações era a fama do costume: criticar os professores que são umas feras, discutir tal nota que é uma injustiça, apreciar as simpatias deste e daquele, uma troca, uma discussão, algazarra e berraria e tudo se cifrava nisto.

Tudo, não. — Sob o ponto de vista religioso, a bitola do Liceu era muito baixa.

Pela primeira vez, de muitos anos para trás, um estudante ajudava à missa de capa e batina.

A quasi totalidade não tinha religião nenhuma.

Os rapazes católicos eram perseguidos, oprimidos pelos outros.

Foi então que, entre os do 6.º e 7.º, surgiu um grupo disposto a usar de todos os meios licitos e aconselháveis para a conquista da sua tão apetecida carta de alforria.

A discussão surgia, a cada passo e, quasi sempre, como acontece entre rapazes, o ritmo argumentativo, para o adversário renitente em abraçar a verdade, era o muro que se jogava ao valor.

Formavam circulo como os bois em baixo, na lezíria, e deixavam os dois socar-se até ao fim.

Alma cândida, que o Senhor guardava pura e inocente, começava agora a desabrochar para a vida como o botão de rosa aos primeiros raios de sol primaveril.

Surgiu-lhe na frente o jardim de Deus, sempre liberal, lhe enviava amorosamente.

— Oh! Que de cuidados lhe não custou!... — Num momento vira tudo.

O João Maria cresceu, subiu, vouu e apareceu-lhe diante como um optimo elemento para a causa santa pela qual ele tanto lutava e cuja vitória lhe estava a peito.

O seria uma alma vulgar, atacada na lama como tantas outras, ou apaixonado pela Verdade, cheio de Luz, iria enfileirar ao lado dos grandes defensores da verdade cristã.

Depedia dele. Daí por diante não perdeu um momento: queria fazer desse rapaz um apóstolo.

O João Maria era dócil e aceitava, de bom grado, a amizade sincera com que topara, como por acaso, numa volta da vida.

Entrou na Congregação Mariana e foi dos corpos gerentes. Começou a ler, a estudar, a conversar com os amigos sobre os pontos que mais lhe interessavam.

meu amigo X e de tantos rapazes da J. E. C. e da J. U. C.

O que um rapaz católico pode fazer quando tem alma de apóstolo!...

Depois... contuem a dizer que a Acção Católica... não serve para nada.

VOZ DA FÁTIMA

Em outubro tirou 319.571 e em Novembro 318.773 exemplares assim distribuídos:

	Outub.	Novemb.
Algarve ...	4.348	4.348
Angra... ..	17.087	17.247
Beja	3.986	4.108
Braga	69.224	69.866
Bragança ...	9.071	9.577
Coimbra ...	15.561	15.637
Évora	4.000	4.000
Funchal ...	18.893	19.908
Guarda	31.183	31.258
Lamego	7.450	7.765
Leiria	11.922	12.629
Lisboa	8.120	8.291
Portalegre...	7.870	7.953
Póvoa	44.389	45.546
Vila Real ...	32.890	32.774
Viseu	10.068	10.199
	296.062	301.106
Estrangeiro...	3.598	4.651
Diversos ...	19.911	13.016
Total	319.571	318.773

NOTA — A tiragem continua a aumentar. A differença que se nota, e devida a deminuição na rubrica «Diversos» em virtude de em 13 de Novembro e nos seguintes meses de inverno se distribuíram no Santuário muitos menos jornais do que nos meses de verão.

É adorado pelos pastores

E na mesma região Existiam uns Pastores Que em campo aberto moravam E nas vigílias da noite O seu rebanho guardavam.

E eis que um Anjo do- Senhor Próximo a elles parou, E a claridade de Deus A sua volta brilhou, E um formidável temor Da alma delles se apossou.

E disse-lhes o Anjo assim: Não precisais de temer; Eu trago-vos a noticia Dum imenso regozijo Que o povo todo vai ter.

Porquanto no dia de hoje, Nasceu-vos um Salvador, Na cidade de David, Que é o Cristo Senhor. E este sinal vos é dado: Encontrareis um menino Envolto em panos, e numa Manjedoura colocado.

E logo se reunia, Com o Anjo a multidão Duma milicia celeste, Que em louvor de Deus dizia: Glória a Deus nos altos Céus, E paz na terra aos que homens De boa vontade são.

E veio a acontecer Que delles se ausentaram Os Anjos ao Céu voltando, E os Pastores começaram Uns aos outros a dizer: Passemos até Belém, E vejamos este caso, Que veio a realizar-se E que o Senhor nos fez ver.

Foram em passo apressado; E encontraram Maria E José, com o menino Na manjedoura deitado.

E depois de o terem visto Vieram a compreender O que daquele menino Tinham ouvido dizer.

E todos os mais que ouviram Maravilhados ficaram Das coisas que a elles mesmos Pelos Pastores constaram.

Mas no entretanto Maria Guardava estas coisas todas Dentro do seu coração E entre ellas as conferia.

E os Pastores regressaram, Sendo Deus glorificado Por si e louvado em tudo O que ouviram, e o que viram, Como lhes foi declarado.

Do livro «Vida de Jesus», por Dr. Queiroz Ribeiro

COISAS QUE EU PENSO

Temos visto que não é um só o selo divino que se encontra na religião católica — e só nela, em mais nenhuma.

Vamos hoje ver outro — e dos mais impressionantes.

E a maneira como a religião cristã foi fundada.

Suponhamos que a qualquer homem moderno se lhe metia em cabeça fundar uma religião e vejamos o que faria, segundo a prudência humana.

A primeira preocupação que teria seria a de arranjar muitos discípulos para a sua nova doutrina. Procuraria, naturalmente, estudar os gostos da gente do meio da qual pretendesse fundar a nova religião, para arranjar as coisas de modo que os preceitos da nova religião não só não contrariassem os gostos dessa gente, mas antes se casassem com elles.

Numa sociedade de devassos, ladrões, cruéis e orgulhosos, um profeta que apparecesse a pregar que a vida depravada por todas essas misérias é que era a vida religiosa, tinha todas as probabilidades de se ver logo rodeado de numerosos discípulos.

Depois, procuraria, para começar, por conquistar alguns discípulos de importância social, sábios, ricos, poderosos, para que com o seu exemplo arrastassem as massas populares.

Se já houvesse uma religião estabelecida, e entre os sacerdotes e seguidores dessa religião houvesse alguém que pela sua má conduta offendesse um meio bom para caçar os primeiros discípulos para a sua nova religião, seria entre elles que faria a sua primeira caça, procurando lisonjead-los e atraí-los, mostrando a concordância da sua conduta com os preceitos da nova religião.

E se a sua pátria estivesse dominada por algum poder estrangeiro, de duas uma: ou procuraria exaltar o seu povo contra o estrangeiro, se a dominação estrangeira fosse odiada, ou procuraria pôr-se do lado dos dominadores, se visse que os seus compatriotas mais influentes se davam bem com os grilhões da escravidão.

Por fim, prometteria aos seus discípulos uma vida regalada, domínio, poder, riquezas e honras, e a morte descansada e gloriosa.

Issto era o que faria qualquer homem, que pretendesse entre os do seu tempo criar uma nova religião. Estudaria todos os meios de reunir o mais depressa possível em torno de si o maior número possível de discípulos. Era isto o que Nosso Senhor Jesus Cristo teria feito, se fosse só homem.

pecadores da provincia, absolutamente ignorados até na capital do seu reino, um pequeno reino conquistado pelos romanos, quanto mais do resto do império romano que era preciso conquistar!

Havia no seu tempo uma religião estabelecida e não faltavam entre os sacerdotes e fiéis dessa religião elementos mais onde podia, pregando a gosto delles, recrutar numerosos discípulos. Em vez disso, tanto se pôs contra elles pela novidade das suas doutrinas, que foram elles próprios que o entregaram ás autoridades civis para o sacrificarem no Calvário!

Dominavam na Palestina os romanos, e entre os dois meios que dissemos de lograr popularidade — soprar no instinto de revolta contra o dominador estrangeiro ou bandejar-se com os que aceitavam a sua religião, Nosso Senhor não quis empregar nenhum e quando os seus inimigos quiseram perversamente collocar a alternativa de se manifestar por um ou por outro, confundiu-os com a scena da moeda cunhada com a figura do imperador romano e disse-lhes: *Dai a Deus o que de Deus, e a César o que de César* — e não esqueçamos que os Cesáres desse tempo se arrogavam direitos que só a Deus pertencem!

Por último, em vez de prometer aos seus discípulos vida regalada, domínio, poder, riquezas e honras, profetizou-lhes que teriam de passar por muitas provas, ser presos, perseguidos e injuriados por sua causa!

E feito isto foi preso, julgado, condemnado à morte e crucificado!

Era mais que sufficiente para que os ingénuos e rudes apóstolos, vindo tal fim da aventura do Mestre, pedissem a illusão e voltassem para as suas rédeas e outras occupações lamentando o tempo perdido atrás de um louco bem intencionado, mas que assim acabara pregado numa cruz entre ladrões.

Pois em vez de dessa debandada de desiludidos todos os apóstolos — excepto o que o traiu e ficou através dos tempos sendo um symbolo de infâmia — abraçaram a doutrina da cruz e partiram para todo o mundo conhecido a pregar a nova doutrina que se opunha ás doutrinas e ás práticas daquelle mundo pagão, e a soffrer as provações e perseguições que lhes haviam sido profetizadas e, por fim, a dar a morte contentes pelo divino Mestre.

Em resumo: se a um louco, a um homem sem uso de razão lhe tivessem encomendado que pretendesse alcançar um triumpho empregando todos os meios mais certos de acabar miseravelmente sem o alcançar, não teria cumprido melhor o programa do que o fez Nosso Senhor Jesus Cristo. Sinal de contradicção em vida acabou num patíbulo!

Pois em vez de ser o cristianismo na historia apenas a recordação da aventura de um louco, vão correndo vinte séculos, dois mil annos — e não o império romano, surgiram e nutiram outros impérios, e o sinal de contradicção continua através dos tempos e a sua doutrina é seguida pelo que a humanidade tem de melhor.

Não há inal que se não aliche contra Elle — não há bem que da sua doutrina não provenha!

Hoje, na Rússia, no México, nas Missões, continuam a dar a vida por Elle os seus verdadeiros discípulos, como a deram pelo mundo do seu tempo os apóstolos que o viram morrer cravado na cruz da ignominia!

Alguns outros religião, que tenha empregado os mesmos meios alcançou os mesmos triumphos? Alguma outra apresenta este selo divino? O

(Continua na 3.ª pagina)

ACÇÃO CATÓLICA



VENHA A NÓS O VOSSO REINO!

Fé e Trabalho

FOLHA MENSAL DA J.A.C.F. - ORGANISMO DA J.C.F.

O NOSSO LEMA E A NOSSA SENHA

«A Messe na verdade é grande mas são poucos os operários».

As almas ávidas de conhecerem Deus!

As almas ávidas de amarem Deus!

As almas ávidas de O servirem!

Mas os obreiros faltam ainda, os obreiros de que nos fala o Evangelho.

Faltam na Ásia, na China, na África e na Europa, na planície e nas montanhas, e também, vós o sabeis, nas aldeias do nosso Portugal.

Quantas de vós, jacistas, não podeis ter a ventura de receber todos os dias em vosso peito a Cristo, porque na vossa aldeia falta o Ministro do Senhor?!

Jacistas, minhas irmãs, rogue-mos ao Senhor da Messe que enyie segadores em abundância para a Messe imensa das almas; e correspondentes nas mesmas ao chamamento que nos é feito.

Sim, a Igreja chama-nos também a nós, simples raparigas, a esse apostolado bendito das almas, no campo da A. C. Compensemos um pouco com a generosidade e fervor do nosso zelo, a escassez de Sacerdotes de que sofre a nossa terra.

Se nos não é permitido abrir a porta dos tabernáculos para dar a Hóstia santa às almas, demos-lhe a conhecer Jesus e a Sua doutrina.

Mas sobretudo demos-lhe o nosso exemplo, pela irradiação da nossa vida de cristãs!...

«Cristo vive em mim». É o lema que nos foi dado para o novo ano social.

Programa sublime que deve encher toda a nossa vida.

Cristo vive em nós pela graça, mas é preciso que Ele viva intensamente, perfeita e absolutamente.

A juventude dá-nos os meios de O conseguirmos, desenvolvendo a nossa inteligência para melhor O conhecermos, e enriquecendo o nosso espírito com a Sua doutrina nas reuniões de estudo; formando o nosso coração, nas reuniões de piedade e de apostolado.

Jacistas, aproveitai as graças do Senhor! Sede dóceis, humildes, cumpridoras dos vossos deveres associativos. Fazei generosa e alegremente os sacrifícios que vos forem exigidos. Pagai pontualmente a vossa quota tão pequenina, ela é necessária à vida da vossa associação, que vive do esforço de todos e de cada um dos seus membros.

Jacistas, apóstolos do meio rural, a hora é nossa e é de conquista.

Não hesitemos, demo-nos generosamente, vamos com galhardia ocupar o nosso lugar de combater a vanguarda. Sabeis? a nossa senha é «conquistar».

P'is bem, começando pela nossa própria alma, vamos depois conquistar a dos outros! Alma por alma, lar por lar, aldeia por aldeia, conquistaremos para Cristo o nosso Portugal!

M. B. F. de C. B. Pr. geral da J. A. C. F.

Ecos da aldeia

Naquela manhã, ao entregarem-me o correio, reconheci logo a letra da Margarida, uma das jacistas da minha aldeia.

«Venha depressa, minha senhora, dizia ela. Cá continuamos com a nossa tarefa, mas é preciso que me ensinem primeiro a mim, pois há muita coisa que eu não sei explicar às minhas discípulas».

«Discípulas!... então a tal Margarida é professora?!

«Nada disso, a humilde rapariguita, de que vos venho falando, tem só 16 anos, não possui nem ambição diplomática, é apenas uma apóstola de Nosso Senhor, o que faz toda a sua glória. Tem a felicidade de pertencer a uma família católica de convicções e de práticas, e na catequese, que frequenta regularmente durante alguns anos fazendo abrindo a sua alma para a piedade».

Há já algum tempo que entrou para a juventude, e é de ver o amor que dedica à associação, e a influência que com o seu exemplo exerce sobre as companheiras. Mas o seu apostolado mais interessante é feito a favor das vizinhas da sua tapada, umas pequenitas que vivem sempre no campo, longe da aldeia, e de que por isso raras vezes podem vir à catequese.

São elas as suas discípulas; duas a três vezes por semana recebem as lições da sua improvisada professora.

Logo de manhãzinha, a Margarida parte a juntar-se às pequeninas. Ao ar livre, no silêncio calmo do campo, apenas interrompido pelo chilrear dos passarinhos, a Rosa, a Celeste, a Teresa e a Beatriz, rodeiam à Margarida, e de joelhos, recitam em comum as orações da manhã. Depois, o catecismo começa».

Gracioso quadro campestre, cheio de simplicidade e de piedade que encanta... A Margarida, com toda a gravidade, vai explicando o sacramento da Eucaristia, o Mistério da Redenção, etc., e as crianças não se cansam de ouvir, pois ela sabe histórias bonitas apropriadas a cada lição.

«Mas... são só horas, é preciso ajudar os pais na faina constante da lavoura».

Margarida dá a lição por terminada. O pequeno grupo dispersa-se, cada uma lá vai para o seu trabalho... Ao meio dia, quando toca a Trindade, reúnem-se novamente para saírem para a SS.ª Virgem: «O Anjo do Senhor anunciou a Maria... princípio Margarida, e as outras respondem... Almoçam juntas, e de tarde rezam o terço. A noite lá regressa feliz, pois todo o dia foi passado a amar e fazer amar Nosso Senhor».

E não achais interessante esta jacista? Pois eu digo-vos: ela pode servir de modelo!

Ah! se vós a tivésseis visto ao trabalho, o ano passado, certamente que vos teríeis edificado. Com que perseverança e com que tacto não conseguiu ela modificar a terrível Júlia, que na catequese era o flagelo das companheiras e das catequistas, e que este ano foi a primeira no catecismo da comunhão solene!... E melhor ainda, quando andou por dia em casa do Bernardo das Poldras, mostrou-se tão activa no trabalho, tão boa para todos, que o homem encantado acabou por deixar a filha entrar para a juventude, na esperança de que ela se tornasse boa, trabalhadora e obediente como a Margarida.

Socega, querida companheira, — Socega, querida companheira,

Uma jacista



Como vos disse no número anterior da «Fé e Trabalho», deve a nossa casa merecer-nos todo o cuidado e carinho.

Procurar torná-la atraente no meio da sua modestia e rusticidade, deve ser a nossa ambição.

Vamos pois empreender essa agradável tarefa. — Começemos pelo exterior — Dierre este muito de região para região; e assim o vemos branquinho e alegre nas aldeias do Minho, Alentejo e Algarve, enquanto nas das Beiras e Trás-os-Montes é triste e severo, porque a cá não cobre o granito, cortado nas suas alcantaladas serras, de que elas são construídas.

Mas que as paredes da nossa casinha tenham já a beleza da cor branca ou sejam tristes e sombrias como a pedra de que são feitas, nós podemos torná-las mais alegres e lindas, revestindo-as de trepadeiras.

Já reparastes na graça dum rosinha de tocar, ou dum eglantine, que indistincta espreita pela janela do nosso lar?

Crede-me, por pobre e modesta que seja a nossa habitação, revestida assim de flores, toma logo um aspecto risonho e acolhedor, e afinal sem nenhuma despesa, apenas em troca dum pouco de trabalho, e algum cuidado.

Estamos na época das plantações e da poda das roseiras. É pois fácil e simples adquiri-las agora, aproveitando as hastes que se cortam, e plantando-as em viveiro, para aí enraizarem, transplantando-as no ano seguinte (o que é melhor) para o local a que se destinam.

Tem as roseiras muitos inimigos; além das doenças que costumam atacá-las e de que por outro vez falaremos, há também o pacífico burrinho, as cabras, etc., a criancinha, que na sua infantil inconsciência tudo destrói.

Precisamos exercer grande vigilância sobre todos estes inimigos e aos queridos garotinhos, devemos procurar despertar e cultivar nos pequeninos corações um grande amor e interesse pelas lindas flores.

Façamos-lhes compreender que são elas um generoso e magnífico presente do Bom Deus, e transformá-las em aliados na protecção às nossas plantas.

É este o conselho que hoje vos dá a

Campanha de Orações da J. C. F.

Para que o Natal seja santificado nas famílias.

A fisionomia de Cristo

segundo o Antigo Testamento

A Bíblia é o livro por excelência do cristão. Compõe-se de duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento.

A figura central de um e outro é Nosso Senhor Jesus Cristo. No Antigo Testamento vemos a Jesus Cristo anunciado; os santos Patriarcas e Profetas predizem que Ele há-de vir e como há-de vir. No Novo Testamento vemos-o já a realizar a forma como se tinha dito que viria.

Quando foi então anunciado? Desde sempre. Logo no começo do mundo, depois de Adão e Eva serem expulsos do Paraíso Terrestre, Deus acenou-lhes com uma esperança magnífica:

Duma mulher nasceria um Salvador que destruiria o inimigo. Esta promessa inicial vai-se esclarecendo pouco a pouco até se determinarem com precisão os contornos do Messias prometido. Cristo é Homem-Deus. Como tal é Rei Universal; mas este reino, de que é herdeiro legítimo, há-de conquistá-lo também com o seu sangue, entre dores e opróbrios. Opróbrios devidos ao pecado; dores porque tomou a si o resgatar os pecados dos homens.

O profeta Isaías vai seguindo com maravilhosa exactidão, quasi passo por passo, o que Jesus havia de sofrer mais tarde: cá-lúrias, falsos testemunhos, perseguições dos seus compatriotas, acusações dos príncipes dos sacerdotes, condenações das mais autoridades de então; levado a morte como um corderinho ao matadouro — Jesus Cristo desceia assim tão baixo, para ser mais alto

o triunfo da ressurreição!... E aqui temos a Cristo em todo o seu esplendor: Rei dos reis e Senhor dos que dominam. Muitos profetas o descrevem. Contudo onde surge com maior majestade e com todos os atributos da sua glória eterna é nos salmos de David. Nestes salmos, ora se nos revela Cristo, Beleza Incrível, como esposo da nossa alma fecundando-a para a vida da graça; ora se nos apresenta Invenível nos dois grandes quadros do salmo 2: Dum lado, Cristo, Rei universal; do outro, a Humanidade.

Os merecimentos de Cristo, máximos; os da Humanidade, nenhuns. E diante de toda a Humanidade revolta, Cristo só!

Esta imagem de Cristo é um pouco a imagem da nossa própria vida. O mundo como pode fazer sofrer a Cristo nos seus membros, cuida que o pode aniquilar. Ora o mundo desmorona-se e Cristo permanece.

Não nos inspirará confiança este chefe, chefe imortal? Espertemos a nossa fé e sobretudo tenhamos esta persuasão infalível: que se Cristo é assim tão amável e belo nas promessas do antigo testamento, a realidade superará tudo isso.

Jesus Cristo é mil vezes mais belo na sua realidade humano divina, mais puro, mais dominador dos corações — estes corações que Ele precisamente veio à terra consolar e que que atrair e fixar eternamente no seu próprio Coração!

S. L.

VIDA JACISTA ATRAVÉS DE PORTUGAL

Arquidiocese de Braga

Vizela do Castelo — Realizou-se no dia 11 de Agosto o dia Regional da J. C. F. em Vizela do Castelo no qual tomaram parte cinco Centros de J. A. C. F.

Cantando a Missa dos Anjos, acompanharam a Missa rezada por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, e na altura da Comunhão, inúmeras jacistas se aproximaram de Jesus-Hóstia. Acabada a Missa e tomado o pequeno almoço na mala franca contratada entre as jacistas dos diferentes centros, S. Ex.ª Rev.ª ministrou o Sacramento do Crisma. Um grande número de jacistas recebeu na sua plenitude os Dons do Espírito Santo, ficando armados verdadeiros soldados de Cristo Rei.

S. Ex.ª Rev.ª antes e depois de administrar o Santo Sacramento, falou-lhes, como seu Pai e Pastor, mostrando e explicando o que era o Santo Sacramento da Confirmação. A seguir S. Ex.ª o Senhor Arcebispo benzeu grande quantidade de emblemas, que muitas jacistas receberam encantadas. As 4 h. da tarde reuniram-se esses cinco centros de jacistas em grande entusiasmo, à porta do teatro São de Miranda onde se realizou a sessão solene.

Na parede do fundo do palco, viu-se um grande emblema da J. C. F. e sobre colchas vermelhas, as bandeiras da Juventude, e um grupo de jacistas da Mesada, vestindo o seu traje à Vianesa. À direita S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo, Rev.ª Párcos Assistentes Eclesiásticos, as nossas queridas Presidentes Nacional e Diocesana. À esquerda algumas presdentes, as raparigas que cham os relatórios e recitavam poesias. Houve dois relatórios da Jacf. O de Bragança, lido pelo seu presidente, e o de Anha e Mesada, lidos pela secretária da Mesada. A presidente de Bragança leu o seu relatório muito bem feito, respondendo-lhe todos com muitos vivas e palmas. A secre-

tária da Mesada vestiu o seu traje à Vianesa e ostentava sobre o peito o seu querido emblema, recebido de manhã. Começou por perguntar às suas irmãs qual era a sua divisa, ao que todas responderam com entusiasmo «Venha a nós o Vosso Reino». Seguiu dizendo que aqueles dois centros jacistas se uniam em um coração e numa só alma e vinham naquele dia trazer aos pés do seu Ex.ª Prelado, com as primeiras dos seus campos, o seu trabalho, dizer qual foi a sua vida dentro da J. C. F. Prosseguiu dizendo qual a sua vida de jacistas, mostrando humildemente o seu espírito de sacrifício, dedicação e entusiasmo pela Juventude. Fez finalmente uma bênção muito grande, para elas, para as suas famílias, para os seus campos. Terminou dizendo: «E na largueza dos seus campos as nossas vezes subirão ao Céu nesta oração».

«Venha a nós o Vosso Reino, Reino em tudo o Vosso amor! Vós sois o Senhor da terra, A terra é Vossa Senhor!»

Terminada a leitura do relatório, enquanto as palmas ecoam nos seus ouvidos, esta jacista que vestia de vermelho, e uma outra, que vestia de azul, depunham aos pés do seu Ex.ª Prelado as primeiras dos seus campos. A de vermelho levava um cestinho de duas azeitivas de formato regional das nossas aldeias, levando dentro um par de frangos pedreiros, presos com uma fita de lá cor de rosa. A de azul, um cestinho igualmente pequeno mas de arco, forrado com um paninho regional, contendo pécegos, peras, maçãs e uvas. Esta surpresa foi acolhida com a maior simpatia, e novas palmas e vivas se faziam ouvir. Cantaram-se com todo o entusiasmo os Hinos do Santo Padre, do sr. Arcebispo, e o lindo

hino da J. C. F., que fez vibrar todos os corações. Muito entusiasmo, muitos vivas, muitas palmas e depois de despedidas afectuosas, estes cinco Centros de jacistas tomaram o caminho das casinhas brancas da sua aldeia, levando no coração uma saudade desse dia, que nunca mais pode esquecer! Durante o caminho do regresso, subiam aos ares os hinos e os vivas. Assim terminou aquele dia, deixando no coração de cada uma, mais amor, mais entusiasmo, mais dedicação pela Juventude Católica Feminina!

Maria das Dores Vasconcelos Pres. Local da J. A. C. F. de Mesada

Diocese da Guarda Cortiço da Serra — A festa de Cristo-Rei e da Acção Católica teve nesta freguesia um carácter de grande intimidade.

No entanto não passou despercebida a grande solenidade do dia. O consolador e entusiasmo notado tanto nas jacistas como nos rapazes da nossa pequenina aldeia pela bendita cruzada da A. C. a que pertencem.

De manhã houve comunhão geral tomado parte nela todos os rapazes e raparigas jacistas.

A tarde houve adoração. Nessa mesma altura foi feita a imposição dos emblemas às raparigas da J. A. C. F., sendo lido pela Presidente a acção de consagração.

Houve ainda, à noite, uma sessão de propaganda da A. C. na qual foram recitadas algumas poesias e tratados os seguintes temas: «A A. C. e a educação cristã da juventude». — «A A. C. e a vida interior». — «A A. C. seu fim e funcionamento». A sessão terminou com uma recitação dada pelas jacistas.

Além das suas reuniões de piedade e estudo a J. A. C. F. tem os seus serões às 2.ª, 4.ª e sábados procurando formar-se para melhor servir ao Senhor.

Virginia Varanda Presidente Local

Ferro — No dia de Cristo-Rei fundou-se nesta freguesia (S. Sebastião), um centro paroquial da J. A. C. F. E. um pequeno grupo de raparigas, cheias de boa vontade, que vem trabalhar-se nas filiaras da Acção Católica.

Naquela dia reuniram-se todas na igreja paroquial para assistirem à missa e fazerem a sua comunhão colectiva. O Rev. Párcos, que é também o Assistente, fez uma prática adequada. Seguiu-se a bênção do Santíssimo. Cantou-se, antes da Comunhão o hino de Cristo-Rei, e depois da bênção o hino da Juventude.

Todas as raparigas estavam comovidas e se ofereciam a N. Senhor.

Que esta pobre oblação Lhs seja agradável e Ele se digno abençoá-la. Como o Rev. Párcos tinha de se ausentar durante todo o resto do dia, houve, no domingo anterior, uma reunião presidida por ele. Falou às raparigas sobre os seus deveres, dizendo-lhes também a satisfação que sentia pela formação, na sua paróquia, de um grupo de apóstolas, suas auxiliares.

Houve vivas à Igreja, à Acção Católica, à J. A. C. F., etc. Raparigas de Portugal: — Avante por Cristo-Rei!

AO SERÃO

Depois dum dia inteiro a mover os campos, que bem sabe a senhora a roda da lavoura nestas noites compridas e frias de inverno!

Para aliviar as raparigas que com tanto cuidado guardam nas roseiras áreas damos hoje a amostra dum rendimento muito simples e prático.

Como vides pelo desenho, é bem fácil, e se tivésseis paciência para a fazer com linha fina, veréis o bonito efeito que faz.

Imaculada Conceição

8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, a Padroeira bendita dos portugueses! Jacistas, filhas predilectas da Mãe do Senhor, preparai-vos para a Sua festa.

Que pela menos durante a novena, penhuma de vós deixe de debor a Seus pés a grinalda de rosas do Santo rosário. Avé Maria, cheia de graça chamamento amoroso que lançareis ao Coração Imaculado, Virginal e Maternal de Maria; torna caricia de filha confiante para com sua Mãe...

O terço ocupa o primeiro lugar em Fátima, As Avé Marias, recitadas por milhares de vozes, lá na Cova da Iria, somam todas as demais invocações. As multidões não encontram fórmula que exprima melhor o seu amor e confiança, que mais agrade a Maria, e Virgem do Rosário de Fátima, que

com mais segurança faça violência ao Seu Coração. Tenhamos pois uma grande confiança no Terço. «Recitai muitas vezes o salmo Leão XIII, «E ele que vos salvará».

M. B. F. de C. B. Pr. geral da J. A. C. F.

Secção Recreativa Adivinhas

Qual é coisa, qual é dia Que mesmo dentro de casa Está sempre fóra dela?

São muitos irmãos unidos tão unidos que mais não, e de camisas vestidos. Sem estarem d'armas munidos, mal se pode pôr-lhes a mão Vivem junthinhos em torre onde têm seus aposentos; donde só fogem aos centos se lhes dão tratos violentos, de que afinal poucos morrem.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Transporte, Papel, Frangulhos, etc.

Donativos desde 15800

- List of names and amounts: Maria Gamcoo, Carolina Soares, etc.

- List of names and amounts: do - S. Paulo - Brasil 15800; António Ribeiro - S. Paulo - Brasil, 15800; Manuel do Val - S. Paulo - Brasil, 15800; Manuel Figueiredo - S. Paulo - Brasil 15800; Elvira Palma - S. Paulo - Brasil, 15800; José Teixeira - S. Paulo - Brasil, 15800; José Felício - S. Paulo - Brasil, 15800; José Andrade - S. Paulo - Brasil, 15800; Luís Barbosa - S. Paulo - Brasil, 15800; Diversos - S. Paulo - Brasil, 61800; José Ribeiro - S. Paulo - Brasil, 24840; José Manuel - S. Paulo - Brasil, 15900; Manuel da Silva - S. Paulo - Brasil, 15800; Abel Gonçalves de Freitas - S. Paulo - Brasil, 53875; Maria do Freitas - Madeira, 24840; António I. Henriques - Lourinhã, 20800; M.ª Teixeira Ceório - Curvaçeira, 50800; M.ª Francisca Lima - Porto, 50800; Emília Leite Paris - Idães, 25800; Izaura Vicente - Cabeça dos, 40800; António de Vimeso, 60800; António L. Silva - S. Paulo - Brasil, 50800; Aurélio Rio Henriques - Lisboa, 20800; Maria Pereira - Souto, 15800; P.ª João Lacerda - Souto, 15800; Elvira Neves Ferreira - Estoril, 25800; João N. de Matos - Ruivo, 20800; Nazaré Cardoso - Ruivo, 20800; Joaquina Ribeiro - Condeixa, 20800; Júlia Patrício - Trofa, 15800; António Rodrigues - Amareal, 20800; Dr. Angelo Tavares - Beodondo, 20800; Júlia Moura Castro - Sertã, 20800; João Goulart - Açores, 20800.

Padaria Lamecense

(Antigo Forno da Alegria) Largo dos Aviladores - Régua - Telefone N.º 11.

Esta acreditada casa, fabrica com higiene, asselo e esmuro, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, artigos de pasteleria e doces finos. Tudo com produtos de 1.ª qualidade.

A nossa divisa é servir bem para servir sempre.

Hino de N. S.ª de Fátima

Aprovado e abençoado pela Autoridade Eclesiástica, temos à venda, ao preço de 4800, o novo e formoso hino do Sr. P.ª António Parente, do qual se venderam já cerca de trezentos exemplares. Todos devem possuí-lo!

Não compre ao acaso...

As fotos do vosso Bébé, são muito preciosas...

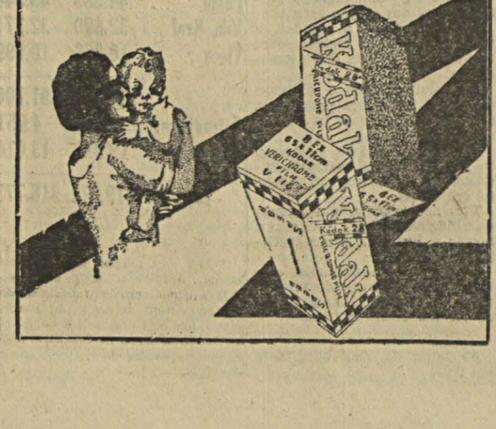
A PELICULA VERICHROME exclusivamente fabricada por Kodak, tem qualidades que a tornam insubstituível, nas fotografias do vosso encantador Bébé: Rapidez, latitude de exposição, perfeita reprodução das cores...

Mesmo se estiver escuro, ou se o vosso Bébé dormir tranqüilo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma boa fotografia se usardes VERICHROME.

Para que este resultado fosse possível, Kodak fabricou esta sua Película, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como à sombra tereis sempre boas fotografias com

«VERICHROME» (Película de Kodak)

Kodak Ltd.-33, R. Garrett-Lisboa



Se V. Ex.ª deseja fazer plantações de Roseiras, Fruteiras, Árvores para estradas,

PLANTAI AS NUSSAS ARVORES E COLHEIeis OS MELHORES FRUTOS

Moreira da Silva & Filhos R. Trilufa, 5 - Porto Catálogo 67 gratis

Que melhor presente do que um presente em prata da

Curiosaria Aliança?

É um presente que não se come, nem se bebe. É um presente sempre PRESENTE à nossa recordação.

Tenha presente a Curiosaria Aliança Rua das Flores PORTO

PHOENIX C. Inglesa de Seguros.

Máxima garantia às melhores taxas.

20 - Av. dos Aliados - Páris

Advertisement for sardines in oil, featuring a woman's face and the text 'A ESPOSA DENSA EM SARDINHAS DE CONSERVA' and 'Os Cons Pensamentos encontram-se'.

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Cura duma pneumonia

Com a maior gratidão para com Nossa Senhora de Fátima, diz A. J. Peter, de Cochim, que pouco a publicação desta graça.

O meu primo K. M. Angelus, aluno de 5.º ano, adoeceu de uma pneumonia. A febre subiu a 105.º F. e o doente estava tão fraco que se recuava que não pudesse resistir. Veutava que a medicina lhe não aproveitava, deixámos duas gotas de água de Fátima em todos os remédios e começámos uma novena à Senhora de Fátima.

Não tardaram as melhoras, e depois de algumas horas estava outra vez normal a temperatura; e passados quinze dias pôde tornar a frequentar as aulas.

Doas curas

The Bel. Laven. Kayangulam, 31 Janeiro 1935. Mandou duas rupias para Nossa Senhora de Fátima por dois favores recebidos. O primeiro foi ter ela ajudado a curar a minha Mãe. O segundo foi a cura dum meu sobrinho. A criança esteve num estado crítico e tínhamos poucas esperanças de seu restabelecimento. Mas, graças a N.ª S.ª de Fátima, depois de muitas orações e de lhe dar a beber água do Santuário, a criança voltou a si e alegremente, amada e bendita, já em toda a parte a nossa querida Mãe do Céu.

Abcesso na bexiga

Kalliard Estate. — Gudular P. O. Nilgiris, 16 Novembro 1934. Com o maior prazer, diz P. S. D'Costa, envio três rupias, em cumprimento da minha promessa a N.ª S.ª de Fátima pela minha cura milagrosa.

Eu sofria dum abcesso na bexiga e por isso fui obrigado a ficar de cama alguns meses. Os médicos declararam com toda a franqueza que o meu caso era perigoso, e só a operação com risco de minha vida. A minha irmã, que é religiosa carmelita em Santa Teresa, mandou-me um folheto com a novena de Nossa Senhora de Fátima.

Gracias à Mãe do Céu, a operação correu admiravelmente e estou agora em franca e segura convalescença.

Angina de mau carácter

11 Sullivan Street — S. Tomé, Mysapore, 26 Janeiro 1935.

Eu sofria do meu habitual inco modo, diz a menina E. D'Rosário, duma angina, desde 3 de Janeiro de 1935. Experimentei todos os remédios sem proveito.

Por acaso encontrei uma revista de Nossa Senhora de Fátima sobre a morte de uma pessoa amiga. Li-a e encontrei muitas curas alcançadas por intercessão de Nossa Senhora de Fátima. No dia seguinte comecei-lhe uma novena e rezei o terço, porque não tinha outras orações. Não tinha água nem estampa de Nossa Senhora de Fátima, mas pedi-lhe que me curasse deste inco modo sem ser preciso mais nenhum remédio. No dia 6.º e 6.º da novena parecia-me que tossia mais e sentia-me desanimada. Eu tentei tornar ao meu trabalho com uma tosse tão inco móda. Continué a pedir e suplicar a Nossa Senhora de Fátima que me alcançasse a minha cura e ouvisse as minhas pobres orações. Sinto-me agora muito melhor. A tosse é pouca, e estou certa de que breve estarei curada.

Prometi publicar a graça e apresentá-la a fazê-lo. Hoje, 26 de Janeiro, o último dia da novena. Sinto-me cada vez melhor. Seja Nossa Senhora de Fátima conhecida e amada em toda a parte.

Inchação

Havia quasi um ano que me achava impossibilitado de caminhar devido a uma inchação enorme numa das partes mais sensíveis do corpo.

A maneira como me arrastava, encostado a uma muleta, a todos causava dó. O meu médico disse-me que era necessário que eu fizesse a Coimbra e sujeitasse-me a uma operação, o que me era difficilissimo devido ao meu triste estado.

No dia 13 de Março de 1934 as minhas duas filhas, depois de rezarem o terço, comez fazemos sempre, disseram-me: — Olhe, pai, em vez de consultarmos mais médicos, vamos rezar outro terço a N.ª S.ª de Fátima para que Ela o cure. Se assim acontecer, iremos ao Santuário de Fátima, e mandaremos celebrar uma festa com sormão e Missa Cantada em honra do SS. Sacramento e de N.ª Senhora. Feitas estas promessas rezámos o terço e todos os dias esperávamos com confiança algumas melhoras vindas por intermédio de N.ª S.ª de Fátima.

As nossas esperanças não foram baldadas, pois, graças à Misericórdia da Mãe do Céu, passados 8 dias eu estava completamente bem! Já há um ano que não tornei a sentir o menor inco módo. A minha filha mais velha já foi ao Santuário bendito de N.ª S.ª de Fátima agradecer a minha cura a N.ª Senhora; e a mais nova irá lá também brevemente. Já mandámos celebrar a festa prometida e fizemo-lo com o maior prazer.

Peço o favor de publicarem no progrioso da Mãe do Céu «A Voz da Fátima» tão importante graça que a Virgem Santíssima me alcançou para sossego e alegria na minha velhice.

Vilar Maior João Nunes

Ataque e paralisia

[Foi dirigida à Redacção da «Voz da Fátima», uma carta que, além de outras coisas diz o seguinte] — Rosa Ávila, residente na freguesia de Praia do Almorixe — Fátima — Açores, vem por este meio, muito reconhecida, agradecer a N.ª S.ª de Fátima e publicar no seu jornal conforme prometteu uma graça obtida por intercessão de tão Boa Mãe. Tendo sido acometida há cerca de dois anos por um ataque de que resultou a paralisia do lado esquerdo, em tão grande aflicção, recorri àquele que é a «Saúde dos enfermos» e, apesar da minha indigência fui atendida na minha humilde súplica a Nossa Caridosa Mãe do Céu, pois que lá não desmentidos cerca de 3

anos desde que me encontro bem, sem os inco módos que costumava ter, foyor este que desejo aqui agradecer publicamente a N.ª S.ª de Fátima.

Rosa Ávila

Graças diversas

— A cura de uma criança que entrou em convulsões com uma temperatura de 105.º F., depois de ter colocado sobre ela a imagem de Nossa Senhora de Fátima e ter feito para esse fim algumas orações.

No Continente

— A Ex.ª S.ª Marquesa do Lavradio. — Costa do Castelo, agradece duas graças temporais que foram concedidas a dois filhos seus em ocasião que muito careciam da protecção de N.ª Senhora de Fátima. — R. D. Estefânia, 41 — Lisboa, agradece a N.ª S.ª de Fátima o té-la curado duma grave doença de que soffreu durante muito tempo. Chegara a ter os bacilos da tuberculose, mas, por intercessão de N.ª S.ª de Fátima obteve a cura completa.

— D. Josefina Martins Moreira, — Fanzeres, agradece a N.ª Senhora de Fátima uma gra, a particular que por sua maternal intercessão recebeu do Céu.

— D. Maria Luísa Mourão — R. Luciano Cordeiro, 30 — Lisboa, diz: «Venho publicamente agradecer a N.ª Senhora de Fátima, muitas graças que d'Ela tenho recebido por intermédio de S. Teresinha do Menino Jesus e de S. Rita de Cássia».

— D. João Rosa de Jesus, — Paredo, carta de 10-VI-34, diz o seguinte: — «Adeeci com mal de Pott e del entrada no Sanatório de Santa Ana em Paredo. Depois de lá estar bastante tempo, veio-me o desejo de pedir a minha cura por intercessão de N.ª Senhora de Fátima. Graças a Deus, a nossa boa Mãe do Céu ouviu-me, e por isso, com muita alegria e reconhecimento venho manifestar a minha gratidão por com tão boa Mãe que nunca nos esquece apesar dos nossos pecados».

— Joaquim Quintas da Fonseca, — Forjães, Espozende, soffreu durante muito tempo a ponto tal que foi desenganado pelos médicos de que não mais recuperaria a saúde.

Depois de haver experimentado inúmeros medicamentos, recorreu a N.ª S.ª de Fátima alcançando assim a cura que já não contava alcançar, favor — este — que reconhecidamente aqui vem agradecer.

— D. Maria Augusta Gonçalves Chamoin, — Terras de Bouro, teve uma filha de nove meses gravemente enferma. Tendo alcançado a sua cura por intercessão de N.ª S.ª de Fátima, vem agradecer-lhe tão insigne favor.

— D. Ana Magro Folgado Rodrigues, S. Leonardo—Mourão, teve seu Pai gravemente doente do estomago. Aconselharam-lhe como indispensavel o sujeitar-se a uma operação. Recusou com esta exigência da medicina, recorreu a N.ª S.ª de Fátima por cuja intercessão alcançou a cura rápida e radical de seu querido doente.

— António José Gomes de Campos, — Castelo, Barcelos, pede aqui seja publicada uma graça concedida por intercessão de N.ª S.ª de Fátima em favor de Ana Maria Linhares que, desenganada já pelos médicos se encontrava prestes a morrer.

Invocada N.ª S.ª de Fátima em favor desta moribunda, as melhoras começaram a tornar-se sensíveis, e hoje encontra-se completamente bem.

Nos Açores

— D. Ana Adelina Bett. da Costa Nunes, Horta — Açores, agradece a N.ª S.ª de Fátima uma graça concedida a seu filho José, que soffria muito dos intestinos.

— D. Maria Dolores Ávila de Moraes, — Açores, diz ter recebido por intermédio de N.ª S.ª de Fátima uma grande graça de ordem temporal, tendo prometido publicá-la, vem agora cumprir a sua promessa annunciando aqui tão apreciavel favor.

— D. Mariana Rufina Alves, — Tépo, Açores, agradece duas graças que obteve por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, sendo uma delas em favor de uma sua filha e a outra em favor de uma sua amiga que soffria horivelmente de reumatismo e de ítero a ponto de ter de se sujeitar a duas operações muito difficis e melindrosas, mas que por favor que atribue a N.ª Senhora de Fátima, correram muitissimo bem.

Eu tinha uma dívida...

Trazia eu há muito no pensamento um desejo grande, e ia percorrendo o país à procura do local onde conseguir satisfazê-lo.

Mas... devo esboçar-te, caro leitor, eu era muito exigente no modo de o realizar e daí o procurar em vão durante tanto tempo. Cheguei a desanimar e tinha a minha dívida se conseguiria alguma vez aquilo que tanto desejava.

Um dia, porém, quando menos o pensava, entrei numa casa humilde. A fama das suas obras, sem que eu o soubesse, transbordara já para além das fronteiras do nosso meigo Portugal.

Entre... e perante as obras de arte que meus olhos contemplavam, desvaneceu-se, como por encanto, a minha dívida.

Estava escolhida a officina onde ia mandar fazer uma imagem de N.ª S.ª de Fátima.

Passados meses recebi do sr. José Ferreira Tedim—do Coronado— Santo Tiso a imagem que ficou a atestar mais uma vez os créditos desta casa de estatúria religiosa.

A Sacra Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.º Eq.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao publico imagens em madeira, mármim e massa,

O culto de Nossa Senhora de Fátima

Em Portugal

Difficilmente se encontrará hoje em Portugal alguma igreja sem a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Desejaríamos dar noticia de todas as festas, mas não é possível porque nos falta o espaço.

Estimariamos que as festividades de Nossa Senhora de Fátima assim como as do Sagrado Coração de Jesus se lhes desse mais um carácter de piedade do que aparato externo.

Para exemplo citaremos as seguintes:

FAFE

Na freguesia de Queimadaela, concelho de Fafe, organisou-se a Congregação das Filhas de Maria que tomou como padroeira Nossa Senhora de Fátima. Realizaram a sua festa no dia 10 de Novembro precedida de um tríduo pregado pelo rev. Frei Luis de Sousa que nos disse: «vim de lá muito edificadocom a piedade e fervor religioso daquella boa gente».

ILHA DO CORVO

Comunica-nos o sr. Angelo Valadão que se inaugurou no dia 12 de Outubro o culto a Nossa Senhora de Fátima. A imagem, adquirida pelo sr. Pedro da Rocha, foi, á noite, conduzida da sua residência para a capela em linda procissão de velas, a primeira que se organizou nesta ilha.

Pregou á chegada á igreja o rev. Vigário Manuel Silveira Pereira.

No dia 13 comungaram mais de 300 pessoas, houve missa cantada e, á tarde, uma bela procissão conduzindo a imagem para a igreja matriz onde ficou á veneração do povo que ali acorre todos os dias.

No estrangeiro

Na Inglaterra

Editado pela «Catholic Truth Society» de Londres, o rev. F. M. de Zulqueta, S. J., publicou o livrinho «Our Lady of Fatima» (Nossa Senhora de Fátima). Apesar de ser grande a tiragem, esgotou-se rapidamente a primeira edição.

A instâncias da empresa editora, o rev. Zulqueta acaba de publicar a segunda edição, correcta e aumentada.

Fazemos votos para que o conhecimento das maravilhas e ensinamentos de Nossa Senhora de Fátima levem a luz ás almas e atraiam para o seio da Santa Igreja os nossos irmãos imersos nos erros das seitas protestantes.

Na Itália

Impressões de viagem

Numa série de três longos e excellentes artigos devidos á pena dum peregrino italiano piedoso e culto que, em Setembro passado, visitou o nosso San-

tuário, publica o jornal «Unione Mougolese» de Moudoví — Itália as impressões de viagem em Portugal e as notas da visita a Fátima.

Os artigos, nervosos, vivos, elogiados para a nossa terra e para a nossa gente, impregnados de originalidade na maneira de encerrar as coisas, são acompanhados de óptimas fotografias de Leiria, Fátima, Batalha e Lisboa.

Na Alemanha

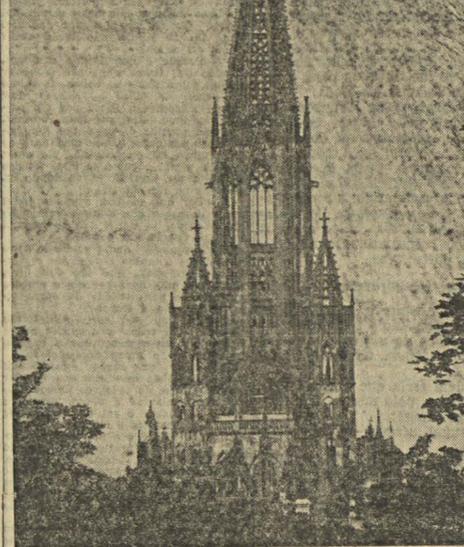
Em Friburgo de Brisgóvia

O que há um ano nos parecia impossível, tornou-se hoje numa feliz realidade. No dia 13 de Novembro faz um ano que entrou em S. Conrado a magnífica estatua de N.ª S.ª de Fátima. O que então quasi nos não atrevíamos a esperar, cumpriu-se hoje magnificamente. N.ª S.ª de Fátima apoderou-se de

todos os corações. Chelos de reconhecimento olhamos hoje para o passado ano, sobretudo quando vemos as centenas de devotos rezarem todos os dias o seu terço aos pés da Mãe do

Céu. Como uma Mãe amante, Maria Santíssima reuniu os seus filhos junto de Si, e milhares se alistam com gosto ao número dos seus devotos.

São sobretudo as novenas mensais de 5 a 13 de cada mês que muito agradam. A conclusão da novena de 5 a 13 de Outubro foi espléndida. Convidou-se todo o povo para a festividade da tarde do Domingo. Contra toda a expectativa vieram umas 1200 pessoas de todos os lados de Brisgóvia, uns a pé, outros em autos montanheses, e mais no caminho de ferro, para oferecerem a N.ª S.ª de Fátima as suas homenagens. Ao comovente sermão sobre Fátima, pelo pároco, seguiu-se o terço, a bênção e a procissão na igreja. Cantaram com entusiasmo o cântico de Fátima. A gente de fora juraram-se umas 900 pessoas da cidade, de maneira que a grande igreja de S. Conrado estava cheia. Contentísimos e com pena, os peregrinos separaram-se da linda imagem de N.ª S.ª de Fátima. Mal tinham saído da igreja os últimos visitantes: da função da tarde, chegaram novos peregrinos em multidão para assistir á conclusão festiva da cidade, marcada para as 6 horas da tarde. Tomaram parte nela uns 1500 fiéis. Viu-se gente de fora assistir ás duas funções. Depois de se extinguirem os últimos sons do Ave de Fátima, cantado com grande entusiasmo, todos os assistentes se despediram da imagem milagrosa com a convicção de terem presenciado neste 13 de Outubro uma Fátima em miniatura. A Nossa Senhora de Fátima vem todos os oprimidos por algum sofrimento, e põem as suas súplicas cheias de confiança aos pés da Rainha do Santíssimo Rosário. Ninguém sai de ao pé d'Ela sem alívio. O coração materno benévolo tem uma consolação para cada um dos seus filhos. E o que testificam as muitas cartas de agradecimento que todos os dias chegam.



Arte gótica, construção medieval — A Catedral

tuário, publica o jornal «Unione Mougolese» de Moudoví — Itália as impressões de viagem em Portugal e as notas da visita a Fátima.

Os artigos, nervosos, vivos, elogiados para a nossa terra e para a nossa gente, impregnados de originalidade na maneira de encerrar as coisas, são acompanhados de óptimas fotografias de Leiria, Fátima, Batalha e Lisboa.

Coisas que eu penso

(Continuação da 1.ª pag.)

profetismo, o budismo, o maoísmo, têm milhões de adeptos — mas estão divididos em seitas — não empregam os meios humanitários contrários á sua difusão e não está com eles a parte melhor da humanidade...

Eu então, se não admitimos isto, tenhamos a coragem de proclamar que esta civilização de que nos orgulhamos e que nasceu á sombra da cruz de Jesus Cristo não é a verdadeira civilização... a verdadeira civilização é a dos bárbaros!

B. A. LANÇA

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

PHILCO-RADIO

Para Baterias Para Corrente Para todas as ondas Concessionários: Arnaldo Trindade & C. L.ª Rua Formosa, 307 — PORTO

Cinco minutos ao Cavaco

Catecismo Novo!

— O compadre Euclides, sabe dizer-me quantos são os Mandamentos da lei de Deus e os da Santa Madre Igreja?

— O compadre Crispim vem a sonhar, com toda a certeza! Então é haverá algum cristão debaixo do sol que não saiba os Mandamentos?

— Mas se sabe, diga, compadre, faz o favor!

— No meu tempo eram 10 os da lei de Deus e 5 os da Santa Madre Igreja. Era isto o que dizia o Catecismo.

— Pois tenho uma grande novidade a contar ao compadre. Antigamente era assim, crei, mas agora há mais um Mandamento! Com esta é que o compadre Euclides não contava!

— Mas então que descoberta foi essa? O compadre Crispim anda a fazer alguma Cartilha nova?

— Não ando, não, compadre, que o meu officio de sapateiro só me dá direito a detetar tombar e meias soltas; mas, segundo li num jornal, há agora a mais o Mandamento da Acção Católica! É este mandamento que não se encontrava nos catecismos antigos!

— Pois encontrava tal, compadre Crispim. Anda sempre com descobertas, mas ao fazer desta ficou mal: o mandamento da Acção Católica já está descoberto desde os primeiros tempos da Igreja, ou melhor, desde Jesus Cristo!

— Cada vez percebo menos, compadre! Em outros tempos, ninguém falava em Acção Católica. Agora, mal que se lê nos jornais e se ouve nas pregações, receita-se Acção Católica como os médicos recitam injecções. É questão de moda, compadre. A Igreja condena as modas de Paris, mas também manda as suas modas de Roma.

— Tape lá essas levadas, compadre Crispim! O compadre já sabe que, abrindo a boca para discutir religião, ou entra mosca ou sai asneira!

— Mas eu queria que me respondesse a duas perguntas: A Acção Católica é ou não é uma coisa nova? É ou não é um novo Mandamento que o Santo Padre quer acrescentar aos outros?

— Resposta ás duas perguntas: Não, senhor. E vou mostrá-lo ao compadre Crispim, se me dispensa a sua muito esclarecida atenção.

— Mas antes de mais nada, começemos pelo principio: o compadre sabe bem o que é a Acção Católica?

— Se quere que lhe diga, estou como o outro que ouvia cantar o galo mas não sabia onde ele estava...

— Já me queria parecer... Olhe: a Acção Católica consiste nisto: nós, os leigos, ajudamos os padres a espalhar o Evangelho. É uma ajuda, uma colaboração, uma participação no apostolado da Igreja. Em certos casos, os leigos podem fazer mais até do que os sacerdotes: vão onde estes não podem ir, ouvem o que estes não ouvem, vêem o que os padres não vêem, falam com quem eles não falam, convivem com certos elementos que fogem do padre, e assim se pode fazer muito, para o bem como para o mal.

— Mas isso é que é Acção Católica?

— Sim, compadre. Fazer Acção Católica é aproveitar todos os meios para fazer bem ás almas; é ajudar a Igreja a converter o mundo; é levar Cristo ás almas e as almas a Cristo. E para melhor se conseguirem estes fins, mandou o Santo Padre instituir associações organizadas: Juventudes Masculinas e Femininas, Ligas de Homens e Mulheres casadas, associações operárias, etc.

— Mas isto não será uma questão de moda, compadre Euclides?

— Qual moda, nem qual cabala! A Igreja não é governada por ventoinhas! Se o Santo Padre resolveu promover, mais do que nunca, estas organizações de conquista, foi levado a isso pela necessidade. É que os maus, os bolchevistas, os mações, os sem-Deus têm organizado, com zelo satânico, as suas associações: a Igreja precisa de ter as suas, para se defender. O mundo está cheio de propagandistas do erro: a Igreja tem que mandar pelo mundo os propagandistas da verdade.

— Mas os propagandistas da Igreja não são os Bispos e os padres?

— Meu caro compadre, são os Bispos e os padres, para pregarem aqueles que entram na igreja; mas os que ficam fora? Os que não querem ouvir os padres? Para esses são precisos apóstolos leigos, homens para os homens, mulheres para as mulheres, rapazes para os rapazes, raparigas para as raparigas, lavradores para os lavradores, operários para os operários, estudantes para os estudantes...

— Está certo, compadre Euclides; mas sempre há-de concordar que isso é uma coisa nova...

— Está enganado, compadre Crispim. Já no Evangelho se lê que o

Divino Mestre, antes de ir pregar a qualquer terra, mandou muitas vezes discípulos leigos, ainda não ordenados de padre, a prepararem o terreno.

— Preparar o terreno, como? Abrindo estradas, como os sapateiros italianos nas montanhas da Etiópia?

— Temos, brincando, compadre! O que eles iam era dispor o povo, pregando-lhe, e fim de que depois recebesse bem o Senhor e a sua doutrina.

— Já estou percebendo: assim como Cristo mandava os seus propagandistas a preparar a sua missão, assim agora a Igreja quero que os propagandistas da Acção Católica preparem a missão dela no mundo.

— Graças a Deus! Até que enfim o compadre deu uma acertada! Bem se vê que só não entende, quando não quere... Como aquele surdo, que só não ouvia, quando lhe não fazia conta...

— Já o compadre está vendo que a cabeça não nos foi dada só para criar cabelo, ou coisa pior...

— Bem, como já dizendo, Nosso Senhor empregou leigos no apostolado. Os Apóstolos fizeram o mesmo. S. Paulo, por exemplo, nas suas Epistolas, fala de muitos homens e mulheres que o ajudavam na sua missão evangelizadora, nas diferentes terras.

— Mas seriam padres, compadre?

— Muitos eram padres por ele ordenados; mas outros não eram. Eram homens leigos e também mulheres. Nas Epistolas vem o nome de muitas delas. Já vê o compadre que as senhoras da Acção Católica não são de agora. Os Apóstolos instituíram até as diaconias, espécie de associação que muito auxiliou a dilatação do Evangelho, nos primeiros tempos.

— E daí para cá, sempre se considerou uma obrigação dos leigos trabalhar na conversão uns dos outros. Diz S. Agostinho: *Salvaste uma alma? Predestinaste a tua! S. Basílio comparava os que nada faziam pela salvação dos seus irmãos, áqueles que deixavam morrer os pobres á fome. Chamava-lhes assassinos.*

S. Crisóstomo diz que cada cristão não está encarregado só de salvar a sua alma; tem que ajudar os outros a salvar a sua e será julgado por isso no dia das contas. A opinião da Igreja em todos os tempos foi muito bem resumida por um escritor moderno: *O cristão é um homem a quem Deus confiou a salvação do mundo.*

Isto não é mais que o eco doutrina palavra da Escritura: *A cada um encargou Deus do seu próximo.*

— Bem, compadre, para não ficarmos aqui hoje, quere dizer que a Acção Católica é tão velha como o antigo norte! Mas como se explica que ventamente ninguém falava nisto?

— Compadre: isso prova que o nome é que é novo. Mas o nome pouco importa, porque o mundo não vive de nomes, vive de realidades. Ora á obrigação de ajudar a salvar os outros, é tão antiga como o homem. Novo é o nome, nova a organização que lhe deu o Santo Padre, novos os meios de apostolado e propagação, porque a organização e os processos, têm de se acomodar aos tempos e ás necessidades. Novo é também a intensidade com que por toda a parte se procura estender a rede benfícida da Acção Católica, porque hoje, mais que nunca, é necessário trabalhar por Deus e pela sua Igreja. São tantos os inimigos de Cristo e tanto trabalham para destruir a sua obra que, quem não for por Ele, é contra Ele. Quem não for apóstolo, ao lado da Igreja, é quasi um apóstata, contra ela.

— O compadre, só mais uma pergunta. Onde é que estava metido até agora o mandamento da Acção Católica?

— Estava metido no precetto de amar o próximo, como a nós mesmos. Amar o próximo é desejar-lhe bem e fazer-lhe bem. Ora, se somos obrigados a fazer-lhe bem ao corpo, muito mais á alma. Se somos obrigados a fazer-lhe bem ao corpo, podendo, muito mais a alma desgraça eterna, é Inferno.

— Estava metido ainda nas Obras de misericórdia espirituais: 1.º Dar bom conselho e correção fraterna; a Ensinar os ignorantes. Estava metido ainda nas frequentes recomendações dos Papas, dos Santos, dos Doutores da Igreja. Por isso não é preciso enxertá-lo nos Mandamentos.

Já lá está. A conclusão é que chegamos a esta, conclusão: Crispim! A Acção Católica deve ser considerada pelos pastores como uma parte necessária do seu ministério e pelos fiéis como um dever de vida cristã.

São palavras de Sua Santidade Pio XI.

ANGELO

Distintivos para os Cruzados de Fátima

Já se encontram á venda os distintivos para os Cruzados de Fátima.

O seu preço é de 1500 cada um. Podem ser pedidos aos Rev.ªs Directores Diocesanos.

INFORMAÇÃO ÚTIL PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS. Escrita a: MAIAS, IRMÃOS, Esquiltores Cidadella — Castelo da Maia

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA MISSAS

MISSAS PEDIDOS A ANTÓNIO DE OLIVEIRA Aldeia Nova — Norte

CIMENTO «LIZ» Fabricado segundo os mais modernos processos científicos nas instalações modernas de MACEIRA — LIZ Fiscalização permanente de todas as fases do fabrico 120.000 toneladas de produção anual 11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA Telefone P. B. X. 2 1337 Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO Telefone 4193 AGENCIAS EM TODO O PAÍS

Garantimos PARA missas o vinho branco consumo CENACULO DA COMPANHIA VELHA fundada em 1756 Rua das Flores, n.º 69 — PORTO

PÓRTO RAMOS-PINTO

CRUZADOS de Fátima

A Exposição em Roma...

Vai realizar-se em 1936 em Roma, no palácio do Vaticano, onde vive Sua Santidade o Papa, representante de Cristo na terra, uma exposição internacional da imprensa católica. Já foram convidados todos os jornais católicos do mundo para se fazerem representar nessa exposição, em que se verá não só o que essa imprensa é agora, mas também o que foi desde o princípio e os progressos que fez até chegar a ser o que hoje é.

A Voz da Fátima também lá estará, na exposição de Roma na sala destinada a Portugal, e não será sem admiração que os estrangeiros não-de-ve-ri-nda-za tiragem do nosso jornal: já hoje mais de 300.000 exemplares, e decerto ao abrir-se a exposição deve andar por perto de meio milhão, em abril de 1936.

É certamente motivo para nós de regozijo; mas não basta isso ao nosso sentimento de católicos para nos fazer esquecer outros motivos de tristeza, que essa sala oferecerá aos visitantes estrangeiros.

É que se a tiragem da Voz da Fátima, uma vez por mês, é imponente; se temos hoje felizmente, o que no passado nunca tínhamos, semanários pequenos populares católicos, com tiragens importantes que deixam a perder de vista as maiores de jornais semanais não católicos, — também é certo que temos outros jornais semanais de província, e muito bem feitos, que não atingem ainda o número de assinantes que deviam ter. E pior ainda: é um facto bem triste, mas bem verdadeiro, que a nossa imprensa diária fica muito abaixo das tiragens dos grandes jornais — tendo aliás muito boa informação e muito boas penas que dão valor às suas páginas.

Em suma, em Roma faremos muito boa figura, no que respecta à pequena imprensa, no meio de outras nações — mas ficaremos ainda muito abaixo do lugar na escala dos povos católicos que possuem imprensa diária.

É certo que o nosso país é pequeno e que há ainda, infelizmente, muita gente que não sabe ler e não assina jornais; as tiragens dos grandes jornais portugueses não católicos, também são grandes cá, porque afinal são poucos e comparada a soma da tiragem de todos com a população de outros países também pequenos onde há mais jornais, essas tiragens não são muito grandes.

Mas não importa: o que é um facto, real e triste, é que nós católicos portugueses, embora haja em Portugal muitos alfabetos, não cumprimos ainda como devíamos o nosso dever para com a imprensa.

Considerando bem a cifra da nossa população, o número de alfabetos e a proporção em que todos os dizemos católicos — os católicos portugueses não poderão dizer diante do mundo que compreendem a importância da imprensa católica e o de-

ver que temos todos de a difundir, enquanto não pudermos mostrar pelo menos dois diários — um no sul e outro no norte, que entrem cada um todos os dias, pelo menos, em 50.000 lares portugueses.

Leiam bem! Não há ainda em Portugal 100.000 famílias que recebem todos os dias em casa um desses beneméritos combatentes de todos os dias que são os jornais católicos diários.

Esta mancha da nossa vida católica, estamos certos disso, serão os Cruzados de Fátima quem com o tempo a há-de limpar!

Com as suas quotazinhas mensais, os Cruzados farão desenvolver todas as obras de Acção Católica — e com o desenvolvimento dessas obras irá aumentando neste país o nome dos católicos práticos que dirão sempre ao fazer o orçamento da despesa de cada dia: um escudo para isto, dois escudos para aquilo, três escudos para aquilo, e mais 3 míseros tostões para o nosso amigo de papel, para o nosso jornal católico, que precisa de entrar em muitos milhares de casas, para ser cada vez mais rijo soldado na defesa da doutrina cristã e dos direitos da Igreja.

Lá estará em Roma a nossa Voz da Fátima — o Santo Padre sabe já que somos mais de 300.000 os seus leitores. É preciso que quanto antes ele veja que desses trinta e três milhões de portugueses saiu uma Acção Católica mais vigorosa, e sobretudo uma imprensa católica mais forte e espalhada pelos lares portugueses.

PIA UNIÃO DOS Cruzados de N. S. de Fátima

Que é? Uma associação auxiliar da «Acção Católica Portuguesa».

Que pretende?

- 1.º — Promover a santificação dos Cruzados de Fátima;
- 2.º — Interceder junto de Nossa Senhora de Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;
- 3.º — Colaborar, especialmente pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;
- 4.º — Orar pelos Cruzados de Fátima e pelas almas do Purgatório, especialmente dos Cruzados falecidos; pela conversão dos pecadores, pela conversão dos infelizes, especialmente nas colónias portuguesas.

Que custa ser «Cruzado»?

Custa apenas o sacrifício de 20 centavos (dois tostões) cada mês, menos de um centavo cada dia! Para quem não puder dar mais!

O ideal seria que cada Cruzado pagasse, pelo menos, um cruzeiro por mês!

Portugal afastou-se muito de Cristo.

Há muito que trabalhar e que lutar para o trazer de novo ao bom caminho.

Todo o dinheiro, é pouco.

Para que serve ser «Cruzado»?

- Serve para promover poderosamente:
- a) a salvação própria,
 - b) a salvação do próximo e
 - c) o triunfo da Igreja em Portugal.

UM EXEMPLO A IMITAR

Conversando com um dos católicos franceses, que estiveram há pouco em Portugal, admirando o dinheiro que a Igreja em França consegue juntar para as suas obras, sustentando por exemplo, cinco universidades que não recebem cinco reis do Estado.

E logo um deles me descobriu o segredo: — E que os católicos franceses, mesmo os que frequentam pouco as igrejas — quando se trata de dar dinheiro para o culto, para a boa imprensa, para as escolas católicas, para a propagação de livros católicos, são generosíssimos! Abrem de boa vontade os cordões à bolsa...

Ficámos edificadíssimos, e pensamos que entre nós, às vezes, são os que mais frequentam a igreja, os que menos dão...

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Quebra-piñhões

Diálogo para o Natal, a quem estiver os seguintes problemas:

- 1.º — Por que razão há tantos que se dizem católicos e não vão à Missa nem se confessam, sabendo que são os dois primeiros preceitos da Igreja Católica?
 - 2.º — Terão medo que a igreja lhes caia em cima?
 - 3.º — Por que hulas é que outros vão às Missas de festa, 7.º dia e 2 de Novembro e não põem lá os pés aos domingos e dias santos de guarda? De duas uma: ou acreditam no valor da Missa, ou não se acreditam, porque não vão sempre? Se não acreditam, porque vão lá fazer a fé naqueles dias? Ou as Missas não serão todas iguais em valor?
 - 4.º — Porque é que tantos católicos, sabendo que temos obrigação de amar a Deus sobre todas as coisas, o amam só depois de todas as coisas? Por exemplo: trocam a Missa por um passeio, por uma feira, por uma romaria, por uma partida de caça, por uma hora de cama (ela é tão quente!), por umas vacas a vigiar... Como se Deus fosse o último a ser servido, no fundo da mesa, no fim da hula!
 - 5.º — Por que motivo, estando todos fartos de saber que a alma vale mais que o corpo, se perde tantas vezes a alma por causa do corpo?
 - 6.º — Porque é que, gastando nós tantos dias e tantas horas com os filhos de uma família, por uns dois dias, não temos uma hora por dia e um dia por semana para cuidar da outra vida, o Céu, que é eterno?
 - 7.º — Por que motivo somos tão diligentes em todos os negócios e tão pouco nos importamos com o negócio da salvação, o único necessário?
 - 8.º — Por que motivo, estando nós fartos de saber que havemos de dar contas a Deus de todos os nossos pensamentos, palavras e obras, passamos a vida a encher o rol de pecados de todos os tamanhos e feitios?
 - 9.º — Por que é que nós, que não somos capazes de praticar uma acção desta natureza, não temos respeito, não atrevemos a praticá-las diante de Deus que está em todo o lugar, que tudo vê, tudo ouve e tudo conhece? Pensamos que Deus é cego ou surdo ou esquecido?
 - 10.º — Porque é que tantos acreditam que há Céu e Inferno e vivem como se os não houvesse?
 - 11.º — Porque é que ninguém quer ir para o Inferno e se corre tanto para lá?
 - 12.º — Porque é que muita gente se diz religiosa, mas escolhe da Religião o que lhe apraz, deixando o que lhe não agrada? Bem Nosso Senhor terá pela cartilha dos caprichos de cada um?
 - 13.º — Porque é que há tanto quem julga a Religião boa para os outros e não a pratica?
- Ángelo

Dia de anos

Com que entusiasmo cá na ansinha de fazer as quantas-feitas. Vinte e seis anos! que tolo! Ainda se os desfezesse... Mas fazê-los não parece? De quem tem muito miolo!

Não sei quem foi que me disse que fez a mesma tolice. Aqui o ano passado... Agora o que vem, aposio, Como lhe tomou o gosto, Que faz o mesmo? Cotidão!

Não faça tal; porque os anos que fazem a gente velho; Faca outra coisa, que em suma Não fazer coisa nenhuma, Também não lhe aconselho.

Mas anos, não cala nessa! Clica na cabeça de Cristo, As vezes por brincadeira. Mas depois, se se habitua, Já não tem vontade sua. E há-os, queira ou não queira!

João de Deus

O professor: — O que fazem os vovózes?
O aluno: — Voum.
O professor: — Os aviadores?
O aluno: — Cem.

Um movimento triunfal

Grandes progressos em Braga

São já 114.000 os Cruzados inscritos da gloriosa Arquidiocese de Braga, Formidável Legião, que em tão pouco tempo se formou, dá sombra preciosa do bolo estandarte da Padroaria dos Portugueses! E faltam 200 freguesias da Arquidiocese Primaz, onde se não organizou ainda esta Cruzada de Salvação; é necessário que ela se funda e floresça por todos os recantos do Minho e de Portugal.

Para entusiasmar a multidão dos Cruzados bragueses, bastaria saborear-se que até hoje foram já celebradas 2.154 Missas, só pelos associados da Arquidiocese, vivos e falecidos. Isto além da missa diária que é oferecida no Santuário de Fátima, por todos os Cruzados da Nação.

Preclaríssimo e inexgotável Tesouro! Qual será a alma que ficará resplandecendo no Purgatório, desde que pertença a este Pia-União e nela se conserve até a morte, com tantas missas celebradas quotidianamente pela sua intenção? Se mais razões não houverem para serem todos os crentes fiéis Cruzados até morrer, esta basta para a salvação.

Cruzados! Sede firmes no vosso posto, contribuí todos para a formação do nosso Trezenas, e que haja a maior da missa diária que é oferecida, quotas mensais aos vossos Chefes. Além disso, não deixeis passar um único dia sem implorar da Santíssima Virgem o triunfo do Seu Divino Filho, pela Acção Católica Portuguesa, o grandioso exército de Cristo-Rei. E Ele lu-de-reinar!...

Um caso impressionante

Absolutamente verdadeiro. Faleceu há pouco em Lisboa um homem muito rico, que não perdia ocasiões de fazer troça da Religião.

Notemos, antes de mais, que os maiores inimigos da Igreja se encontram entre os que morrem de fome e os que apodrecem de ricos.

Os primeiros, porque lhes metem na cabeça que os padres estão aliados com os senhores do dinheiro que lhes não acodem, na sua desgraça.

E os segundos, porque não perdoam aos padres estarem sempre a pregar-lhes os seus deveres de socorrer os pobres. Muitos também, porque sabem que a voz da Igreja é a única que condena os processos mais ou menos sujos por que enriqueceram, e reprova o seu egoísmo, e as devassidades onde consomem o dinheiro que podia converter-se em pão para tantos desgraçados.

Mas... deixemos as considerações, e vamos ao caso.

Há um ano, o tal cavalheiro, passando deante dum cruzeiro, encostou-se à cruz, de braços abertos, a imitar Nosso Senhor — e, em seguida voltando-se para a cruz, fez uma careta, deitando a língua fora.

Um dos amigos pegou na máquina, e tirou-lhe o retrato.

Um ano depois, dia por dia, o herói da façanha, morria com sofrimento horrível, causado por um cancro na cabeça e na boca. A língua tinha-lhe caído a pouco e pouco, aos pedaços, apodrecida...

Há, na verdade, casos que não parecem acasos...

Lembre-mos sempre do que diz o Apóstolo:

Com Deus não se brinca! Deus não se irrita!

Dois pensamentos iguais

Conto, que a seguir inserimos, reproduz um caso que se deu na realidade.

Muitas vezes, o nosso apolado pecca por falta de desembaraço. Contava um padre francês que um operário doente que andava, já há tempos, a procurar trazer ao bom caminho, acabou um dia por exclamar: — Mas, ó sr. padre, de que é que está a espera para me confessar?

Em todo o caso, muitas vezes não se perde por ir devagarinho...

Enquanto há vida há esperança, disse o doutor ao descer a escada de granito; mas eu devo dizer-lhe, sr. Ribeiro, que o estado de seu filho é muito melindroso. Toda a cautela é pouca. Nada de visitas. Até logo.

O automóvel deslizou, dobrou uma esquina e sumiu-se.

O velho lavrador voltou para dentro e foi encontrar sua esposa a chorar.

Uma ideia a preocupava: fazer com que o filho recebesse os sacramentos.

Como falar-lhe nisso? Desde que fóra para Coimbra, poucas vezes se tinha confessado, e os

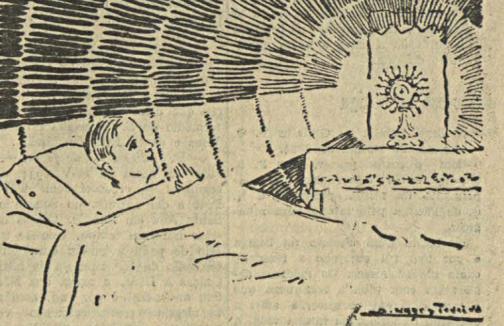
filho se passava. António conhecia perfeitamente o perigo em que se encontrava; bem via a gravidade do seu mal. Mas era filho único; os pais estremeciam-no. E o bom do filho, julgando que eles o não sabiam tão mal, queria prolongar-lhes o mais possível a esperança de o salvar.

Por isso não se queixava, e respondia que estava um pouco melhor, e procurava sorrir.

Lá por dentro uma ideia o atormentava. Queria confessar-se, receber a sagrada comunhão. Mas como? Se falasse nisso aos pais, pensava ele, talvez os assustasse. E, no silêncio do seu coração ia pedindo ao Senhor lhe valesse naquela dificuldade.

A mãe tinha lido tudo isso no rosto do filho, e estava perplexa perante a recusa formal de Francisco Ribeiro, homem bom e cristão, mas enfermo do velho preconceito de a confissão fazer mal aos doentes.

E assim viviam aquelas almas, a da mãe e a do filho, querendo ambas a mesma coisa, mas sem



pais desconfiavam mesmo que ele tivesse perdido a fé no sacramento da penitência.

— Não se lhe pode falar nesse assunto, dizia o sr. Ribeiro. Tu bem vês os nervos dele, e aquele coração, no dizer do médico, pode falhar à menor emoção. Vê bem, falar-lhe em confissão é abreviar-lhe a vida.

— Tenho um pensar diverso do teu, Francisco. O nosso António é um crente. Pode ter-se descompañado por influência dos companheiros, mas não desgozaria de se confessar, e até, (quem sabe?) ficaria mais tranqüilo e aliviado.

— Em todo o caso, falar nesse assunto ao António, é dar-lhe a conhecer que o seu estado é grave. Já não te parece que vale mais deixá-lo na ilusão de que vai melhorar?

— Eu fico na minha; a confissão seria um alívio para o rapaz.

— Seria, rematou Francisco Ribeiro com energia, mas hoje, de modo nenhum. Amanhã veremos.

A pobre senhora foi até ao quarto do filho, que teve para ela um sorriso contrafeito. E neste sorriso adivinhou o coração da mãe o que na alma do

ousarem descobrir uma a outra o seu desejo.

Ouviu-se um toque já conhecido na campainha. Mãe e filho mais uma vez tiveram o mesmo pensamento.

Era o sr. Prior que chegava. Precisava dos bois da quinta para transportar uma dúzia de tábuas para as obras da igreja, e vinha ter com o sr. Ribeiro. Preguntando pelo António, que viu-o. O sr. Ribeiro tinha saído para a quinta. Boa ocasião, pensou a mãe, enquanto lançava um olhar de súplica à imagem da Virgem, suspensa na parede.

— Minha mãe, disse o António, vem aí o sr. Prior, aproveito a ocasião. Já me não confesso há tanto tempo! Deite-me a sua bênção.

— Deus te abençoe, meu filho. Beijou-o na fronte e saiu a ocultar as lágrimas.

Ao outro dia de manhã o povo cantava o Bêndito pela rua da igreja, e daí a pouco o António, não recebia comovidamente o corpo de Cristo, a quem generosamente se entregava de alma e corpo.

Depois da primeira comunhão, era o dia mais feliz da sua vida.

Augusto Nunes Pereira

O Arado

Órgão mensal da J. A. C.

O nosso jornalzinho

Pobrecinho ainda, aparece pela primeira vez o jornalzinho jacista. Mas, apesar do pobre, ainda há-de ser um dia o grande animador do poderoso movimento agrícola cristão, desse movimento de Acção Católica que há-de fazer da classe agrícola, uma classe, unida, forte, instruída e cristã.

Classe unida! que saudades daqueles tempos, em que a gente dos campos vivia unida cristãmente, como irmãos se ajudavam e mutuamente se amparavam nas horas difíceis de sofrimento moral e material! Ainda hoje se vêem, aqui e ali, restos dessa vida cristã, modeladamente cristã, que era o maior amparo e a maior alegria da vida agrícola.

Hoje, como é diferente tudo! A desconfiança, o egoísmo, os ódios, separam e dividem os lavradores. Parece que já não são irmãos. Parece que a vida cristã, a verdadeira vida cristã já não é conhecida nos nossos campos. Unamo-nos, jovens lavradores; jovens trabalhadores da terra, para restaurarmos nas nossas famílias a verdadeira vida cristã, a vida prégada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Classe forte! A população agrícola no nosso país é a mais numerosa de todas. E, porém, a mais fraca, a mais abandonada. Porque? Porque não há união cristã, porque não há colaboração de todos. Lembrai-vos da parábola dos ramos.

Enquanto estavam juntos, não houve pulso nenhum que fosse capaz de os quebrar. Uma vez separados, até um moribundo os pôde partir em pedaços.

Sem organização não pode haver força. Na reconquista das massas agrícolas para Cristo, é necessário, sobretudo, que tenhamos força.

Classe instruída! Como seria diferente a vida do campo, a nossa própria vida nacional, se a classe agrícola fosse verdadeiramente instruída! A ignorância, a que ainda hoje está presa a maioria dos agricultores, é uma das maiores dificuldades à expansão da vida cristã nos meios agrícolas. A instrução é irradiação da Sabedoria Divina. Uma classe instruída é mais fácil de dirigir e de conquistar.

Classe cristã! Acima de tudo o Jacismo há-de fazer da classe agrícola uma classe cristã!

Quando todos os jovens agricultores compreenderem a sublimidade da vida cristã, quando todos os dias aqueles que ainda vivem afastados da Igreja, compreenderem que só na religião católica encontrarão a verdadeira felicidade, tanto moral, como espiritual, então a classe agrícola será uma das mais elevadas e das mais prósperas de Portugal.

O movimento de Acção Católica nos meios agrícolas está hoje espalhado por todo o mundo. Na maior parte dos países da Europa tem-se trabalhado afinadamente na organização dos jovens agricultores, para que a vida religiosa nos campos se intensifique e alcance aquele fervor que foi uma das suas maiores glórias no passado.

A vida corrompida das cidades tem arrastado para a perdição muitos jovens das aldeias que, atraídos pela vida movimentada dos grandes centros, se deixam dominar pelos aparentes encantos daquela vida mundana e fogem para as cidades.

Por outro lado, os maus exemplos levados às aldeias pelos vaneantes da cidade, corrompem também os meios agrícolas.

Urge por um dique a esta torrente de mal.

Que as classes altas profundamente mimadas e desmoralizadas se percam, a culpa é delas. Mas, se se perderem, se recusarem regenerar-se, que se percam também. A burriceira a opor aos maus exemplos vindos das cidades tem de ser alta e forte.

As aldeias têm de ser imunitizadas, se queremos salvar ainda a civilização cristã.

Não foram as virtudes do povo, do bom povo dos campos e já estariam as nações há muito perdidas.

Por isso o Jacismo é olhado com especial carinho por todos os que se interessam pela prosperidade espiritual e mesmo material das Nações.

Trabalha-se, por toda a parte, com afino no Jacismo. Porque não devemos de trabalhar também nós?

Rapazes, avante! Uni-vos à volta dos vossos párocos para vos salvardes e salvardes os vossos companheiros. Teréis assim, talvez, salvação do mundo!

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se eles as não trazem, é porque não lhes bedem.

POSTAIS COM PRÉMIO

Mais postais premiados, desde novembro 3037 (3036 e 3038): 8775 (8774 e 8776); 6379 (6378 e 6380); 7054 (7053 e 7055). Quem os tiver deve mandá-los em carta registada à Editora «Lux», Rua de S. Julião, 144, Lisboa.

Este anúncio vale sempre. Cada postal custa só 50 centavos e vale por um ano, desde o dia em que se compra e põe, na lotaria, de cada sábado, dar direito a um prémio, que se a sorte quiser pode ser até de 30 contos.

Comprando até 20 de dezembro, ainda entram na lotaria do Natal, que é de 6.000 contos. Só se podem expedir de 5 postais para cima, à cobrança e para ser mais rapidamente servidos podem enviar a importância directamente — 50 centavos para cada postal — à Editora «Lux» — Rua de S. Julião, 144, Lisboa.

AOS CHEFES DE TREZENAS

Não esquecer que nos primeiros dias de Janeiro têm de entregar a terceira prestação das quotas de 1935.

A cobrança deve ser feita todos os meses. Entrega-se a Voz da Fátima, e recebe-se o dinheiro.

Deixar juntar quotas, dá lugar a que uns não paguem e a que outros comoreçam.

ACÇÃO CATÓLICA

Todos por cada um e Cada um por todos

Redacção: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA-N.

O movimento agrícola no mundo

O movimento de Acção Católica nos meios agrícolas está hoje espalhado por todo o mundo. Na maior parte dos países da Europa tem-se trabalhado afinadamente na organização dos jovens agricultores, para que a vida religiosa nos campos se intensifique e alcance aquele fervor que foi uma das suas maiores glórias no passado.

A vida corrompida das cidades tem arrastado para a perdição muitos jovens das aldeias que, atraídos pela vida movimentada dos grandes centros, se deixam dominar pelos aparentes encantos daquela vida mundana e fogem para as cidades.

Por outro lado, os maus exemplos levados às aldeias pelos vaneantes da cidade, corrompem também os meios agrícolas.

Urge por um dique a esta torrente de mal.

Que as classes altas profundamente mimadas e desmoralizadas se percam, a culpa é delas. Mas, se se perderem, se recusarem regenerar-se, que se percam também. A burriceira a opor aos maus exemplos vindos das cidades tem de ser alta e forte.

As aldeias têm de ser imunitizadas, se queremos salvar ainda a civilização cristã.

Não foram as virtudes do povo, do bom povo dos campos e já estariam as nações há muito perdidas.

Por isso o Jacismo é olhado com especial carinho por todos os que se interessam pela prosperidade espiritual e mesmo material das Nações.

Trabalha-se, por toda a parte, com afino no Jacismo. Porque não devemos de trabalhar também nós?

Rapazes, avante! Uni-vos à volta dos vossos párocos para vos salvardes e salvardes os vossos companheiros. Teréis assim, talvez, salvação do mundo!

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se eles as não trazem, é porque não lhes bedem.

Respeitemo-nos

Terá a Igreja necessidade de vós, rapazes? Tem! Se não tivesse, não procurava reunir numa organização os melhores dentre vós.

A Igreja tem necessidade de vós para que A ajudeis a conquistar as almas dos vossos companheiros de trabalho.

Mas podereis fazer qualquer coisa, tornar-vos úteis? Podeis. Mas não sereis vós demasiadamente rudes, pertencentes a uma classe demasiado baixa? Não! Não vos deixeis vencer pelo desânimo. Vós podeis fazer muito. Vós pertenceis a uma das mais nobres classes de homens.

A primeira condição para que vós possais tornar úteis, é ter confiança em vós mesmos.

Confiança em vós, porque sois homens, dotados de uma alma mortal e inteligente, remetidos com o sangue de Cristo e destinados à glória imortal do Céu.

Confiança em vós mesmos, porque pertenceis a uma das classes mais necessárias ao mundo, a uma classe que o Senhor Jesus Cristo não se cansou de honrar, durante a Sua vida no mundo.

É ao produto das vossas mãos que o mundo deve a sua vida; o pão, o vinho, a roupa. Sem vós, morreria. Vede, agricultores, trabalhadores da terra, quão nobre é a vossa missão neste mundo. Colaborais com Deus, na sustentação dos homens. Classe humilde, classe baixa, vós? Não, mil vezes não!

É ao produto das vossas mãos — o pão e o vinho — que o Senhor foi buscar a matéria que transforma, por intermédio dos sacerdotes, no Seu Corpo e no Seu Sangue. Classe baixa a vossa? Não, mil vezes não!

Se Jesus Cristo quis ser operário e não agricultor, nem por isso deixou de honrar a profissão agrícola, como não honrou nenhuma outra.

Foi à vida dos campos, à vossa vida, que Ele foi buscar os exemplos para as Suas divinas Parábolas, para a exposição da Sua própria Doutrina: «Meu Pai é um lavrador. Eu sou a videira e vós sois os ramos». As searas, as vinhas, o trigo, os cereais, tudo, enfim, que se prende com a vida dos campos, as próprias ervas dos montes, serviram de exemplos a pregação de N. Senhor.

Nenhuma outra classe prendeu a atenção do Divino Mestre, como a classe agrícola.

Nem a Sua própria classe poderia mereceu ter as honras

que teve a vossa, rapazes dos campos.

Classe humilde, classe baixa, a vossa? Não, mil vezes não!

Aprendei nestes exemplos a respeitar a vossa tão nobre profissão. Aprendei a terdes orgulho de serdes trabalhadores da terra e, pouco a pouco, começareis a compreender que o vosso destino no mundo é grande, e muito grande.

E assim começareis a ganhar amor ao vosso trabalho, a vossa profissão. E assim começareis a compreender que podereis fazer muito pela Igreja, pelo triunfo de N. Senhor no mundo.

E quando um dia, reconhecendo a vossa dignidade e grandeza, vos respeitarem a vós mesmos, vós tereis preparado para a vossa profissão um futuro risonho.

A situação em que viveis de verdadeira inferioridade desaparecida e será substituída por uma era de prosperidade, de felicidade e de virtude.

Respeitai-vos, portanto, queridos Jacistas. Sede dignos da vossa nobre missão na terra. Tornai-vos dignos dos caminhos com que N. Senhor honrou a vida dos campos. Ter-vos-eis a digno do glorioso nome de Jacistas e de Apóstolos do Evangelho.

REZAI

Nós não somos animais. Temos uma alma respeitada por Cristo que é destinada a ir para o Céu. A Deus devemos tudo! O sol que germina as sementes lançadas à terra, a chuva que fecunda as sementeiras, a saúde que nos permite trabalhar, até os nossos próprios campos.

Por isso a Deus devemos honrar.

Rezemos!

Para agradecer os benefícios recebidos. Para pedir maiores benefícios ainda.

Não vos envergonheis de rezar, rapazes Jacistas. Quantos não entram em casa só depois de a mãe ter rezado o terço com os miúdos miúdos! Então os miúdos pedem de rezar, eles que são inocentes e vós que — sabe Deus! — vós não precisais?

Também os bois e os carneiros não rezam.

Não queirais assemelhar-vos a eles.

Rezai!

A CULPA

Tudo vai mal! O pão está barato, o vinho não se vende, os adubos custam caro, as contribuições pesadas, etc. etc. Isto vai mal!

E vai. Mas isto vai mal, há dez anos, há vinte anos, há cinquenta anos, há um século.

E há mais de um século continuam os queixumes. Todos atribuíram as culpas para cima dos outros. O Governo devia ajudar-nos; as contribuições deviam ser mais baratas; os preços da venda deviam ser regulados; o comércio devia ter uma tabela, etc. etc.

Isto vai mal! A culpa é dos outros.

Pois eu, queridos rapazes, não vos dou razão. A culpa nem é do Governo, nem dos comerciantes, nem dos outros. A culpa é nossa e só nossa. Olhai, em lugar de atirardes as culpas para cima dos outros, em lugar de vos pordes à espera de que os outros vos venham ajudar, uni-vos.

Se não vos salvardes vós mesmos, ninguém vos poderá salvar!

Uni-vos! Organizai-vos!

Quando a agricultura de todo o país estiver unida, quem poderá evitar o vosso triunfo!

Procurai primeiro o reino de Deus e tudo o resto virá com ele.

Organizai-vos na JAC e vereis que tudo começa a melhorar. Até o pão será vendido mais caro e o vinho dará mais dinheiro.

Porquê? Porque se estiverdes unidos todos, como um só homem, vós mandareis.

Não vos parece que tenho razão?

Ora deixai-vos de lamúrias e toca a trabalhar na organização.

Tomal como lema: *enem um só dos meus companheiros deixará de pertencer à JAC.*

E eu aposto, dobrado contra singelo, que daqui a alguns anos, até o pão vos dará mais dinheiro.

Valeu?

Colaboradores

Todos aqueles que desejarem colaborar em «O Arado», órgão mensal da Juventude Agrícola Católica, podem dirigir os seus artigos para a nossa Redacção — Campo dos Mártires da Pátria, 43, Lisboa-N.

Como o espaço é pequeno, pedimos que os artigos sejam também pequenos.

Muito gostaríamos de receber artigos, embora mal feitos, dos nossos queridos jacistas. Que os vão mandando. Nós faremos aqui como se faz às videiras. Quando tiverem letras de mais, podá-los-emos, para ficar mais proveitoso.

Jacistas, não tenhais medo. Escrevei uns artigos.

«O Arado» é para vós que sabeis manejar com ele. Vamos! Ponde as mãos nas raíças e toca a lavar as almas.

O Jacismo

O que é o jacismo ou a JAC? Quantos de vós que me ledes não ficareis de boca aberta, como um boi a olhar para um palácio, sem saber do que se trata! Mas eu explico.

O Jacismo ou a J. A. C. é uma organização de rapazes dos campos, católicos, que se juntam para aprenderem a ser bons trabalhadores e para conquistarem para a Igreja os companheiros que não cumprem ou cumprem mal os seus deveres de cristãos.

A palavra JAC é composta com as iniciais das três palavras: Juventude Agrícola Católica. E, quando aquela palavra juntamos o sufixo «ismo», temos esta outra palavra «jacismo» que vem a ser o mesmo que JAC.

Pois a JAC é um dos ramos da Juventude Católica. Nesta temos: os agricultores (JAC), os estudantes (JEC); os ricos, isto é, os que têm vida independente (JIC); os operários (JOC) e os estudantes das universidades (JUC). Todos estes ramos formam a Juventude Católica.

Portanto, não estais sóis. Do movimento de Acção Católica entre os rapazes. Vós estais encarregados da conquista na vossa classe. Quereis ficar atrás? Pelo contrário, marchareis à frente!